

Zelotismo/Herodianismo na reflexão de Helio Jaguaribe

AUTOR

Celso Lafer®*

c_lafer@uol.com.br

®Autor de contacto

* Professor Titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Membro da Academia Brasileira de Letras. Ex-Ministro de Relações Exteriores do Brasil

Zelotismo/herodianismo en la reflexión de helio jaguaribe

Zealotism/herodianism in the thought of helio jaguaribe

RESUMO

Trata-se de exposição proferida pelo autor durante a sessão de homenagem a Helio Jaguaribe, membro da Academia Brasileira de Letras, promovida pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) e pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro em 26 de novembro de 2013.¹

RESUMEN

Se trata del discurso pronunciado por el autor durante la sesión de homenaje a Helio Jaguaribe, miembro de la Academia Brasileña de Letras, promovida por la Fundación Alexandre de Gusmão (FUNAG) y por el Instituto Histórico y Geográfico Brasileño en Río de Janeiro el 26 de noviembre de 2013.

ABSTRACT

This is a speech given by the author during the session in honour of Helio Jaguaribe, member of the Brazilian Academy of Letters, promoted by the Alexandre de Gusmão Foundation (FUNAG) and by the Brazilian Historical and Geographic Institute in Rio de Janeiro on 26 November 2013.

1. Em maio de 2013 a Academia Brasileira de Letras promoveu mesa-redonda para celebrar os 90 anos de um dos seus eminentes membros: Helio Jaguaribe. Participei da mesa-redonda e, na ocasião, em texto que está publicado na Revista Brasileira (julho-agosto-setembro 2013, nº 76), tive a oportunidade de publicamente reiterar o quanto devo intelectualmente à sua obra e à sua personalidade, generosa e solar, e a importância que atribuo a uma duradoura amizade de mais de 50 anos, da qual sou, até hoje, o grande beneficiário.

Na minha intervenção destaquei que Helio integra uma ilustre geração de pensadores do nosso país que tem como tema compartilhado uma sensibilidade própria em relação à formação e destino do Brasil. Esta geração, por isso mesmo, exerceu com frequência, na vida brasileira, a função do intelectual público e neste âmbito Helio é representativo de um paradigma de excelência. Na linhagem inaugurada por José Bonifácio, relacionada ao papel dos intelectuais na construção e aprimoramento da Nação, Helio dedicou-se a pensar, num fecundo diálogo entre o nacional e o universal, o Brasil na perspectiva diretiva do seu futuro. A “ideia a realizar” - para evocar uma formulação de Maurice Hauriou - do como adensar a racionalidade pública para promover o desenvolvimento e ampliar democraticamente, com liberdade e igualdade, o poder de controle da sociedade brasileira sobre o seu destino permeia a sua obra e a sua atuação, seja em termos de princípios e valores seja em matéria de propostas de políticas públicas.

A obra de Helio é a de maior escopo da sua eminente geração. Abrange, num arco de coerência, a Ciência Política e as Relações Internacionais; transita pelos problemas e desafios da América Latina e, por isso, ele é um intelectual brasileiro com ampla irradiação latino-americana; contém incursões de fôlego no âmbito da Sociologia da História que, a partir das inquietações do presente estão voltadas para elucidar os fatores que asseguram ou comprometem a sustentabilidade de culturas e civilizações e contempla lúcidas reflexões sobre os desafios existenciais, inerentes à Antropologia Filosófica.

Na minha intervenção na ABL, por motivo de tempo, cingi-me a breves considerações sobre a sua contribuição à Ciência Política e às Relações Internacionais. Indiquei, em síntese, como alargou os horizontes e elevou o patamar da Ciência Política, do qual um exemplo é o livro de 1978 *Introdução ao Desenvolvimento Social - As perspectivas Liberal e Marxista e os problemas da sociedade não repressiva* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978), que hoje é muito oportunamente relançado pela FUNAG. Observei, igualmente, que Helio, ao tratar, na sua obra, das perspectivas brasileiras de inserção no mundo a partir da Ciência Política, tornou-se o patrono inaugural do pensamento acadêmico brasileiro sobre Relações Internacionais. Um marco é a sua discussão das alternativas da *policy* da política externa brasileira na terceira seção de *O Nacionalismo na atualidade brasileira*, de 1958, (Rio de Janeiro, ISEB, 1958) que hoje é também muito oportunamente relançado pela FUNAG.

Ainda em minha intervenção na ABL, sublinhei que Helio, no mundo das ideias, é um pensador que, por aproximações sucessivas, com empenho de *scholar*, sistematizou e desenvolveu, na sua densa obra, as percepções e intuições de sua razão vital.

A *razão vital* orteguiana, como aponta Helio, tem a dupla função de orientar a nossa vida no mundo e de orientar-nos no entendimento do mundo através da nossa vida. Na trajetória de Helio a *vis directiva* da sua *razão vital* é congruente com o lema que formulou em 1953 para *Cadernos do Nosso Tempo*, revista que dirigiu e animou: “Compreender o nosso tempo na perspectiva do Brasil/Compreender o Brasil na perspectiva do nosso tempo”.

PALAVRAS-CHAVE

Helio Jaguaribe;
zelotismo;
herodianismo;
autonomia/
dependência
dos países do
Terceiro Mundo;
nacionalismo;
relações
internacionais

PALABRAS CLAVE

Helio Jaguaribe;
zelotismo;
herodianismo;
autonomía/
dependencia de
los países del
Tercer Mundo;
nacionalismo;
relaciones
internacionales

KEYWORDS

Helio Jaguaribe;
zealotism;
Herodianism;
autonomy/
dependence
of Third World
countries;
nationalism;
international
relations

2. Na exposição de hoje, nesta sessão em boa hora patrocinada e organizada pela FUNAG e pelo Instituto Histórico para celebrar os 90 anos de Helio, vou buscar indicar o significado da sua elaboração em torno das categorias zelotismo/herodianismo, que ecoou, em primeiro lugar, na sua discussão do nacionalismo, desdobrou-se na sua análise do tema autonomia/dependência dos países do Terceiro Mundo, integrou sua reflexão sobre as Relações Internacionais no mundo contemporâneo e tem presença no âmbito de seus estudos da História das Ideias. A estas duas categorias, nas suas variações e combinações, deu tratamento mais acabado no primeiro dos ensaios coligidos no livro *Estudos Filosóficos e Políticos* - que também está sendo lançado por iniciativa da FUNAG - e que foi originariamente publicado no seu *Sociedade e Cultura* de 1986 (São Paulo, Vértice, 1986). Um dos meus objetivos nesta exposição é retomar uma afirmação feita na minha intervenção na ABL, especificando uma faceta do contínuo *work in progress* da sua reflexão que se vê continuamente adensada pela coerente sistematicidade que imprimiu à sua obra no correr da sua vida.

Uma primeira indicação da relevância da categoria zelotismo - na acepção, por analogia, inspirada em Toynbee, de fervor religioso e político que caracterizou as correntes judaicas que desencadearam, na Judéia, a mal sucedida revolta contra a dominação romana na época do imperador Tito - está presente em *O Nacionalismo na atualidade brasileira*. Refiro-me à distinção que Helio faz entre nacionalismo de meios e nacionalismo de fins no Capítulo IV - B, ao tratar do sentido do nacionalismo brasileiro. “O nacionalismo”, são suas palavras, “é um meio para atingir um fim: o desenvolvimento. E, como tal, deve ser exercido mediante o emprego dos instrumentos mais adequados para a realização desse fim”, observando mais adiante “O nacionalismo que cabe designar de nacionalismo de meios, exprime apenas uma das funções do complexo colonial, tendente a erigir a própria condição em ideologia. Constitui uma das formas suicidas, observadas por Toynbee e por ele designadas de “zelotismo” que uma sociedade subdesenvolvida pode assumir em seus contatos com outras mais

adiantadas. O nacionalismo, muito ao contrário, só se realiza na medida em que reconhece seu fim, que é o desenvolvimento e, para isso, deve utilizar-se de todos os meios apropriados” (*O Nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958, pp. 52-53).

Registro que, na sua breve notícia sobre sua obra, que data de 1998, Helio, tratando desse primeiro livro canônico da sua trajetória, sintetiza suas conclusões apontando que “as posições nacionalistas, para terem validade, devem ser de um “nacionalismo de fins” e não de um “nacionalismo de meios” (cf. Helio Jaguaribe, *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*. Brasília: FUNAG, 2008, p. 837).

3. A alternativa zelotismo/herodianismo no texto inserido no acima mencionado livro que está sendo hoje lançado, tem como objetivo articular uma visão histórica do problema autonomia/dependência. Tem como ponto de partida o tema contemporâneo das relações centro-periferia, pioneiramente elaborado, como ele aponta, pelo CEPAL de Raul Prebisch e a carência de autonomia das sociedades “periféricas” que formam o chamado Terceiro Mundo. Insere-se, assim, no âmbito das preocupações em viabilizar um nacionalismo de fins, voltado para promover o desenvolvimento e ampliar a autonomia do Brasil.

É por essa razão que a larga visada da política comparada e da análise crítica da História de Helio neste texto passa pela afirmação que, no mundo contemporâneo, “a alternativa dependência/ autonomia, embora envolva uma dimensão cultural, é predominantemente uma opção política com implicações econômicas”. É por essa razão, também, que a discussão desta opção, no mundo contemporâneo transita pelo parâmetro interno da viabilidade nacional e das condições externas da permissibilidade internacional, dois conceitos que são sucintamente apresentados no texto, mas que foram elaborados de maneira

abrangente por Helio nos seus prévios estudos sobre desenvolvimento político e relações internacionais.

Helio inicia o seu texto expondo as características das três linhas principais da teoria da dependência: (i) a da escola marxista e a sua correlação com a teoria do imperialismo de Lenin; (ii) a escola histórica que, aceitando a tendência apropriativa do sistema capitalista coloca a ênfase no efeito da acumulação histórica de vantagens em benefício dos países que lideraram a revolução mercantil e a revolução industrial do mundo moderno, e (iii) “a escola das elites disfuncionais” que realça, dadas certas condições, a forma positiva ou negativa do comportamento das elites periféricas.

Registro que o tema das elites funcionais e disfuncionais e o seu papel em matéria de desenvolvimento político foi também - como o da viabilidade nacional e da permissibilidade internacional - objeto de prévias e abrangentes reflexões de Helio, em especial no capítulo 13 do seu livro de 1973, *Political Development* (New York, Harper & Row, 1973). Registro, igualmente, que um exemplo da disfuncionalidade da relação massa-elite, para os propósitos de desenvolvimento, pode ser o populismo que Helio analisou pioneiramente entre nós no texto *O que é o ademarismo?*, publicado em *Cadernos do Nosso Tempo* de 1954, também inserido em *Estudos Filosóficos e Políticos*.

É neste macro-contexto que Helio aponta que não existe irreversibilidade histórica que fecharia para sempre as portas do desenvolvimento e da autonomia para todas as sociedades não centrais, exemplificando a sua assertiva com a Alemanha de Bismark no mundo ocidental e o Japão, a partir da dinastia Meiji, e a China contemporânea no mundo não ocidental. Registro que estas observações neste texto, têm como pano de fundo, prévias reflexões de Helio sobre o processo político em países subdesenvolvidos, tanto como fator dinâmico quanto de atraso e a sua elaboração sobre distintos modelos políticos de desenvolvimento. Estes estão lastreados na discussão, inter alia, da experiência de Bismark na Alemanha, de Kemal na Turquia, de Nehru na Índia, de Nasser

no Egito, da Rússia da Revolução, pioneiramente apresentados no livro de 1962, *Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político* (Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962), sintetizados com foco na América Latina num dos capítulos do livro de 1967, *Problemas do Desenvolvimento Latino-Americano* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967), e aprofundados no *Political Development* de 1973. Registro, igualmente, que este texto no seu emprego da dicotomia herodianismo/zelotismo está, como já observei em outras oportunidades, em sintonia com a *forma mentis* de Helio que recorrentemente associa *logos* e *voluntas*: o *logos* como esforço de ampliar o campo do exercício da racionalidade e a *voluntas* como um empenho, a partir do *logos*, de entreabrir opções que permitam modificar positivamente a probabilidade negativa dos resultados para o Brasil, mas também para o Mundo, e muito especialmente para a América Latina.

O ponto de partida da análise de Helio sobre a tipologia zelotista-herodiana proposta por Toynbee tem como objetivo o alargamento do campo de estudos da dependência no âmbito da História, levando em conta o aporte de Toynbee no trato das vicissitudes das civilizações no correr da História da humanidade e muito especialmente que respostas deram aos desafios que enfrentaram. Neste contexto, Helio dá ênfase aos encontros entre civilizações, em especial aos confrontos entre civilizações no espaço observando que Toynbee elaborou as categorias zelotismo-herodismo a partir da experiência dos encontros e confrontos dos pós-alexandrinos da civilização Helênica com a cultura judaica. A resposta herodiana a este confronto foi aceitar os meios - o legado dos gregos - para preservar o máximo possível os fins da civilização conquistada. A resposta zelotista foi apegar-se à sua própria herança, assumi-la em sua forma radical e maximizar a sua ortodoxia, a partir de uma avaliação de que a fragilidade da sua cultura resultava da pouca consistência com os seus próprios valores, tradições e instituições.

Zelotismo e Herodianismo, pontua Helio, podem ser considerados, à maneira de Max Weber,

como tipos ideais. Comportam, evidentemente, variações e combinações, mas estão latentes em qualquer tentativa de superar a dependência. Têm, assim, a característica de uma dicotomia com função analítica, que objetiva diferenciar e distinguir, para melhor compreender um dado contexto histórico, político e cultural. São, como observa, possibilidades centrais de uma análise, tanto sincrônica quanto diacrônica, “de qualquer tentativa de superar a dependência e a condição de subdesenvolvimento comparativo que está na origem da dependência”. Representam, neste sentido, um alargado complemento da prévia elaboração sobre os modelos políticos de desenvolvimento.

Helio se afasta da posição de Toynbee sobre a ineficácia das formas puras ou combinadas de zelotismo e herodianismo. Com efeito, este não só levou em conta a especificidade do seu insucesso que propiciou a destruição do Estado judaico pelos romanos com o saque de Jerusalém no ano 70, conclusivamente repetido em 135. Também afirmou a inoperância de ambos os modelos, tendo em vista a sua leitura que o sentido da História é dado pelo perene encontro entre o Homem e Deus (cf. Arnold J. Toynbee, *A Study of History*, abridgment by D. C. Somervell. London: Oxford University Press, 1962, pp. 789-796).

Não é esta, inequivocamente, a compreensão de Helio da História e registro que, na sua introdução ao *Um Estudo Crítico da História* de 2001 (São Paulo, Paz e Terra, 2001) - que é, aliás, o texto que se segue a este que estou comentando, recolhido no livro *Estudos Filosóficos e Políticos* - aprofundou o que considera válido e o que substantivamente não aceita na obra de Toynbee, explicitando os pressupostos a partir dos quais discutiu, com inspiração crítica e laica, os múltiplos fatores que asseguram ou comprometem a sustentabilidade de culturas e civilizações. Neste sentido observo também que os casos históricos que menciona neste texto sobre o jogo da alternativa zelotismo-herodianismo foram, com outra amplitude de fatores, subsequentemente analisados nos diversos capítulos do seu *Um Estudo Crítico da História*.

No seu texto, com o objetivo de dar abrangência ao poder explicativo da alternativa zelotismo/herodianismo, Helio, levando em conta as distintas circunstâncias históricas e os matizes próprios do exercício da alternativa, aponta casos de herodianismo e de zelotismo bem sucedidos. Entre os primeiros, o grande exemplo histórico é Roma, que superou o legado cultural etrusco substituindo-o pela absorção e por uma elaboração romana própria do helenismo. O grande exemplo contemporâneo é o Japão. Com efeito, o Japão, tanto no século XIX, com a restauração Meiji, quanto no século XX, após a total derrota na Segunda-Guerra Mundial, é exemplo de um bem sucedido esforço de herodianismo, assegurador da autonomia política e da paridade econômica e tecnológica no âmbito da qual a incorporação da ocidentalidade permitiu preservar uma niponicidade sustentável. Um exemplo histórico de zelotismo bem sucedido lembrado por Helio é o Império Sassânida (226 a 651 DC). Um exemplo contemporâneo é a China de Mao, que teve componentes de uma “APRA chinesa”, como observa Helio evocando o Peru e que, a partir de Deng Xiaoping, temperou pragmaticamente, num novo equilíbrio, os excessos do primitivismo zelotista de Mao.

Helio avalia que, em princípio, os herodianos são “futuristas” e os zelotistas são “passadistas” e que a História “parece favorecer mais o Herodianismo seletivo do que o Zelotismo pragmático e é sempre desfavorável às formas radicais destes”, que é o que explica a sua prévia crítica de 1958 à inadequação do “nacionalismo de meios”.

A elaboração de Helio sobre a dicotomia herodianismo/zelotismo tem como pano de fundo o seu lema de 1953 “Compreender o nosso tempo na perspectiva do Brasil/Compreender o Brasil na perspectiva do nosso tempo”, tendo como horizonte a América Latina dentro da qual estamos inseridos e o compartilhado problema da condição de dependência, à luz da estratificação internacional.

Esta condição tem um duplo aspecto. Expressa, de um lado o danoso efeito, apontado pelos estudiosos que integram, de acordo com

Helio, a escola histórica da dependência e que resultou do efeito da acumulação no tempo das vantagens dos países desenvolvidos. Expressa também o relacionamento disfuncional histórico, para os propósitos do desenvolvimento, das elites latino-americanas com seus próprios povos e com as elites ocidentais.

O sucesso das sociedades latino-americanas, observa Helio neste texto de 1986, é uma questão em aberto, mas o seu potencial de superação do subdesenvolvimento, na sua perspectiva, é do tipo herodiano. Este herodianismo, sublinha ele, para ser viável não pode ser um herodianismo de superfície, alienado do passado dos países e dos povos latino-americanos. Para ter sucesso este novo herodianismo precisará incorporar, nas suas palavras “além da tecnologia ocidental, o humanismo ocidental e um sentimento nacional de responsabilidade social”. Neste sentido, no meu entender, Helio traz novos elementos de cunho geral para substanciar, na interação entre o universal e o nacional, o seu nacionalismo de fins.

4. Helio retoma o tema do zelotismo, no campo das relações internacionais, num texto de 2003, intitulado *Fundamentalismo, Unilateralismo e as alternativas Históricas do Mundo*, recolhido no seu livro de 2008, *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*, igualmente editado pela FUNAG.

Neste texto, Helio analisa as características do “terrorismo islâmico”. Observa que o terrorismo é um fenômeno histórico recorrente e que quando assume as características de um fundamentalismo religioso representa uma atitude conservadora frente a processos de modernização, conduz à radicalização das crenças tradicionais e, evocando Toynbee, traduz-se numa manifestação contemporânea de zelotismo.

Na sua análise do fundamentalismo islâmico contemporâneo, Helio aponta que este tem suas

raízes no domínio teológico, mas assumiu, de maneira predominante, uma dimensão militar e política. Observa, exemplificando, que é uma resposta aos insucessos de distintas modalidades de reformismo modernizante empreendido no mundo islâmico desde o século XIX, como respostas aos encontros/ desencontros da civilização ocidental com a islâmica. Registra que, no âmago da questão do zelotismo islâmico, se encontra a dificuldade para o Islã de diferenciar, na sociedade, seus subsistemas social, cultural, econômico e político, diferenciação que tornou possível, no Ocidente, a separação entre o religioso e o político.

Observo, entre parêntesis, que Helio dedicou ao papel do congruente inter-relacionamento entre os subsistemas, também na perspectiva da mudança, abrangentes reflexões nos capítulos 5 e 6 de *Political Development*, retomadas na Parte I, dedicada aos pressupostos teóricos do seu livro de 1978, *Introdução ao Desenvolvimento Social - As perspectivas Liberal e Marxista e os problemas da sociedade não repressiva*, que hoje está sendo meritoriamente relançado pela FUNAG.

Helio aponta a força da convicção totalizante do Islã da qual resulta, concluo eu, o nacionalismo pan-islâmico de meios do zelotismo terrorista islâmico que é uma reação ao Império norte-americano. Este tem como uma de suas características, como observa Helio, retomando prévias análises, a de ser, no exercício da sua hegemonia, - seja a exercida tanto em termos de *soft-power* quanto de *hard-power* - um campo na acepção de campo gravitacional ou magnético. Por isso, diversamente dos impérios tradicionais, do romano ao britânico, prescinde da dominação formal das “províncias” pela metrópole. É no processo de oposição à hegemonia deste campo gravitacional que vem irrompendo a modalidade zelotista do terrorismo islâmico que, por sua vez, na minha avaliação, integra a agenda internacional das aspirações de identidade e reconhecimento e expressa as atuais forças centrífugas da “sublevação dos particularismos”.

Helio, no seu texto, também discute o unilateralismo dos EUA de George W. Bush que é

um fruto da reação estadunidense ao terrorismo islâmico. Aponta que este unilateralismo tem uma dimensão milenarista, proveniente dos conservadores religiosos cristãos do círculo íntimo dos colaboradores do Presidente e da sua convicção fundamentalista de que os EUA são, no seu destino manifesto, a “nação do bem”. Estes theocons associados aos neo-conservadores, favoráveis a uma desinibida afirmação do império americano, instigaram um unilateralismo no plano mundial - um “zelotismo futurista”, diria eu - operacionalizado pelo poderio econômico-tecnológico e militar dos EUA. Este unilateralismo, hoje mitigado mas ainda presente, não é uma resposta eficaz, pelas características intransitivas do seu zelotismo, aos desafios que vem enfrentando o Império Americano para manter-se como um campo gravitacional dotado da vis atrativa da legitimidade e da capacidade inclusiva de incorporação dos Outros, que participam e integram o Mundo.

É interessante registrar que a política de governo de George W. Bush tem antecedentes na ideologia do partido republicano, realçada por Helio num texto de 1953, publicado em *Cadernos do Nosso Tempo*, também oportunamente inserido na coletânea *Estudos Filosóficos e Políticos*. Com efeito, Helio sublinha como o povo americano, depois de Yalta e Postdam, experimentou a tendência a considerar como hostilidade tudo o que se refere ao estrangeiro. Daí o isolacionismo como anti-internacionalismo e anticosmopolitismo ao qual se agregaram, o conferir de um sentido transcendente aos costumes mais ligados à tradição religiosa-moral da nação americana, da qual provém um anti-secularismo puritano. Esta é uma das raízes, que irmanou os *theocons* e os *neocons* que inspiraram o unilateralismo da era George W. Bush.

5. Para concluir o percurso desta exposição vou fazer uma menção ao uso heurístico por Helio da dicotomia herodianismo/zelotismo no plano cultural. Refiro-me ao belo e denso estudo de 2005, “Ortega y Gasset - vida e obra” inserido no seu já mencionado livro de 2008, *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*. Trata-se, penso eu, de um fecho apropriado para esta exposição não só pela importância de Ortega na reflexão de Helio, como também porque Ortega é um paradigma da visão, a qual Helio é sensível, que atribui aos intelectuais um papel diretivo, vertebrador e de renovação da sociedade como sublinha Bobbio em *Il dubbio e la scelta - Intellectualli e potere nella società contemporanea* (Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993).

No início do seu estudo, Helio faz uma menção à famosa geração espanhola de 1898 que se viu bruscamente confrontada com a humilhante derrota, na guerra com os Estados Unidos, com a perda do Império e a constatação do subdesenvolvimento da Espanha - do seu atraso material e cultural - que se apartava da grandeza anterior do país. O desafio do declínio nacional suscitou, no país, dois modelos de reação cultural: o zelotista e o herodiano, observa Helio, evocando a dicotomia de Toynbee. Pontua a ineficácia das modalidades vulgares ou ingênuas das duas alternativas mas registra que ambas comportam uma versão superadora. Estas são, nas suas palavras: “a do zelotismo ilustrado, cujo tradicionalismo se exerce num nível superior de entendimento do mundo e a do herodianismo crítico, cuja incorporação dos valores alienígenas se realiza de forma autonomamente seletiva, em função de uma lúcida consciência da própria realidade”.

O grande exemplo, para Helio, de “zelotismo ilustrado” no contexto da Espanha do século XX é Unamuno, e o do “herodianismo crítico” é Ortega, com o qual claramente se identifica. Com efeito, Helio, na sua análise, aprecia a perspectiva organizadora da hispanidade de Ortega voltada para a construção em seu país de uma moderna sociedade europeia; valoriza o seu duplo compromisso com o nacional da Espanha e o universal da cultura europeia;

realça a importância que Ortega atribui à compreensão do mundo para nele poder operar a partir da circunstância espanhola e preza, na vida de Ortega, a fecunda associação entre engajamento e reflexão.

Vale a pena, no âmbito destas considerações, para efeitos comparativos, pontuar a admiração de Helio por seu professor San Tiago Dantas, que associou, igualmente, em sua vida, engajamento e reflexão e em que identifica a simultânea combinação da paixão pelo grande legado da cultura ocidental e em não menos profundo compromisso com o Brasil. Este compromisso, observa Helio em texto elaborado em homenagem a San Tiago 20 anos depois do seu falecimento, “era sobretudo projetivo. O que lhe importava, sobremaneira, era o destino coletivo do país, o seu projeto nacional” (cf. Helio Jaguaribe, San Tiago e o Projeto Nacional in José Vieira Coelho *et alii*, *San Tiago Dantas - Vinte anos depois*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 43).

Helio, no já mencionado texto de 1998, em que sintetizou breve notícia sobre sua obra, considera que, para um autor, é difícil diferenciar a função crítica de posições elaborativas no percurso de suas reflexões e conclui: “As ideias de um autor sobre o mundo coincidem com o mundo das ideias desse autor” (cf. “Breve notícia sobre a minha própria obra” (1998), in Brasil, *Mundo e Homem na Atualidade*. Brasília: FUNAG, 2008, p. 791). Assim, para terminar, creio que o “herodianismo crítico” integra o mundo das ideias de Helio e o *work in progress* do abrangente, coerente e sistemático arco da sua reflexão, constituindo uma das matrizes inspiradoras das múltiplas vertentes do seu nacionalismo de fins.

NOTAS

¹ Resumo e palavras-chave elaborados pelo Conselho de Direção da REB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. *Il dubbio e la scelta - Intellectuali e potere nella società contemporanea*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993.

JAGUARIBE, Helio. *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*. Brasília: FUNAG, 2008.

_____. *Introdução ao Desenvolvimento Social - As perspectivas Liberal e Marxista e os problemas da sociedade não repressiva*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *O Nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

_____. San Tiago e o Projeto Nacional in José Vieira Coelho *et alii*, *San Tiago Dantas - Vinte anos depois*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Um Estudo Crítico da História de* 2001. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

TOYNBEE, Arnold J. *A Study of History*, abridgment by D. C. Somervell. London: Oxford University Press, 1962.